

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 300 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 200 * Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros..... 1500 * Numero avulso..... 500 *	N.º 26 Fevereiro de 1887	Toda a correspondencia deve ser dirigida a Brito Nogueira, rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

QUESTÕES SOCIAES

XII

Continuando a enumerar a largos passos os trabalhos de quantos se têm interessado pela ordem de estudos que temerariamente nós aqui encetámos, mais como um ensaio para nós proprios nos esclarecermos do que para esclarecer os que nos lêem, pois sinceramente nunca nos passou pelo espirito essa vaidosa pretensão, citaremos ainda o nome de Rodbertus-Jagetzow, ministro da agricultura na Prussia, em 1848.

Apesar de ter apenas publicado artigos em revistas ou jornaes, o seu systema, exposto em cartas dirigidas ao seu amigo von Kirchmann, e colligidas e reimpressas em 1875, sob o titulo de *Esclarecimentos concernentes á questão social* (*zur Beleuchtung des socialen Frage*), é, segundo Laveleye, das obras mais originaes que a Allemanha tem produzido em materia de economia politica.

Todavia, ainda segundo este distincto economista, Rodbertus é mais um precursor, se assim pôde dizer-se, um preparador do campo scientifico aonde o socialismo virá buscar as suas armas, do que um socialista, na rigorosa accepção do significado.

A sua opinião é que todas as riquezas não devem ser consideradas economicamente, senão como productos de trabalho e não custam senão trabalho.

Quanto ás causas que originam a miseria e as crises commerciaes, no seu entender, resumem-se n'isto: emquanto a permuta e a divisão dos productos obedecem ás leis resistentes, não da razão mas da historia, o salario das classes laboriosas torna-se uma parte relativamente menor do producto nacional, á medida que a productividade do trabalho social augmenta.

O operario, diz Rodbertus, traz ao mercado um genero que se não conserva—as horas de trabalho de que dispõe. Se não tem nem capital, nem terra, terá de pôr-se ao serviço dos que possam empregar-o. O que lhe darão elles? Levados pela concorrência a produzir o mais barato possível, pagar-lhe-ão apenas o strictly necessario.

Desde, porém, que o trabalho se torne mais productivo, isto é, que o operario produza n'um dia

maior numero de objectos, immediatamente o capital augmenta, ao passo que o salario estaciona as mais das vezes, quando não baixa, como já tem succedido.

Quanto ás objecções que podem em parte fazer-se a estes principios, de novo o dizemos, que as reservâmos para o fim, quando tivermos dado a conhecer as diversas conclusões dos publicistas que citámos.

E agora resta-nos dizer que o que Rodbertus conclue é que todos os productos deveriam trocar-se na proporção do que cada um d'elles exige de mão de obra, assentando sobre estas bases o projecto de uma instituição de credito, que faz lembrar muito o banco de troca, proposto por Proudhon.

O operario entregaria ao *dock* central um producto, que se avaliaria segundo o numero de horas de trabalho, regularmente precisas para produzi-lo, constituindo isso o seu preço natural. Depois, recebendo em troca d'elle um talão, representativo do numero de horas consumidas, poderia adquirir com elle no armazem social qualquer outro objecto de que carecesse.

Era esta tambem a idéa de Smith, que considerava o trabalho preferivel ao numerario para a melhor troca de valores, e a de Bastiat que igualmente preconizava a permutação de serviços por serviços. O bem estar de cada um seria proporcionado á parte que houvesse tomado na produção nacional, sem reduções e sem percentagens em proveito de ninguém. A faculdade de comprar estaria na razão do producto creado, o que quer dizer que o productor poderia então resgatar o seu producto.

Taes são, em resumo, as idéas de Rodbertus, que nós vamos encontrar do mesmo modo em Karl Marx, o celebre e conhecido fundador da *Internacional* e o auctor do conhecido livro *O capital*, que até os seus adversarios consideram um livro verdadeiramente notavel.

Karl Marx escriptor é, porém, muito diverso de Karl Marx revolucionario, e a influencia que elle exerceu sobre o elemento popular não provém do seu livro, superior e abstracto de mais para ser percebido por intelligencias rudimentares ou debilmente cultivadas.

Esta opinião, que era a nossa ha muito tempo, vem-a agora confirmada por Laveleye, que lhe cha-

ma um verdadeiro quebra-cabeças, obrigando a uma constante tensão de espirito quem quizer seguir raciocínios em que as palavras são geralmente empregadas fóra da sua significação habitual.

O celebre companheiro de Heine não podia, portanto, aspirar a catechisar as camadas populares por intermedio do seu estylo ou das suas deducções, porque o seu feitio intellectual lh'o impedia.

Lançado, porém, na agitação politica, e exercendo o seu prestigio por outra fórma, conseguiu elle o que com as suas conclusões scientificas não logrou obter, por elevadas de mais, poisque Karl Marx é um erudito de primeira ordem, havendo feito em Bonn os seus estudos de direito de um modo brilhantissimo.

Em 1843, desposando Jenni von Westphallen, irmã de Westphallen, que fez parte do ministerio Mantuffel, podia elle occupar, se o tivesse querido, logares importantes, mas renunciou a tudo para se dedicar aos seus estudos favoritos de economia politica, e especialmente á questão social.

Havendo então manifestado opiniões extremas, o governo prussiano perseguiu-o, e elle teve que refugiar-se em Paris, onde foi companheiro, entre outros, do seu glorioso compatriota, Heinrich Heine, fundando com elle o jornal *Vorwaerts (Avante)*. O governo francez expulsou-o, porém, em 1844, e quatro annos depois saia de Bruxellas pelo mesmo motivo, voltando então de novo á Allemanha, livre por esse momento, em resultado da revolução de 1848.

Ahi fundou com Wolff um jornal, onde dirigiu os mais rudes ataques á burguezia, o que lhe valeu ser outra vez expatriado, indo refugiar-se em Londres.

Uma vida tão agitada e ao mesmo tempo uma intelligencia tão rica não podiam deixar de exercer a sua influencia sobre o *feitio* pessoal d'este espirito investigador e curioso, servido por qualidades notaveis, e por isso a sua obra é das que mais ruido têm causado no mundo das idéas.

Comtudo, esse ruido, força é dizel-o, provém mais da parte *formal* em que Marx envolve principios que outros já haviam exposto, do que d'elles proprios, que são os mesmos de Rodbertus, por exemplo.

Quanto ao contraste da miseria e da opulencia e ao facto do pauperismo ganhar terreno á proporção que o capital se accumula, eis como Marx os explica.

O operario precisaria apenas de cinco ou seis horas para adquirir o sufficiente ás suas necessidades e ás de sua familia; por isso, se elle trabalhasse para si proprio, em meio dia obteria quanto precisasse, sobrando-lhe o resto do tempo para descansar ou para ganhar mais algum excesso. Como, porém, esse pobre proletario não possui a propriedade, vê-se forçado a estar ao serviço dos que possuem a terra e os instrumentos de produção. E naturalmente estes exigem-lhe que trabalhe para elles um dia de doze horas ou mais.

Assim, o operario produzindo em seis horas o equivalente da sua subsistencia, que representa o «trabalho necessario», durante o resto do tempo produz o valor a mais (*Mehrwerth*) em proveito dos que o empregam. E certo que o capitalista lhe paga pelo seu valor o trabalho de seis horas, mas como elle obtem ao mesmo tempo a livre disposição da sua força productiva, adquire para si tudo o que essa força

lhe cria n'um dia inteiro. Dá, pois, apenas o producto de seis horas pelo trabalho de doze ou mais, enthesourando o excedente, que vem, portanto, a constituir o capital.

Na opinião de Marx a accumulção da riqueza n'um dos polos da sociedade caminha paralella com a accumulção, no outro polo, da miseria, do aviltamento e da degradação moral da classe que, com o que produz, faz nascer o capital.

Para combater esta iniquidade Marx chega á chimerata tantas vezes refutada, como tão justamente diz Laveleye, do credito gratuito; mas o facto de elle chegar a uma conclusão erronea não invalida de modo algum a exactidão e o rigor das premissas d'onde partiu, estabelecidas algumas pelos mais orthodoxos economistas das escolas conservadoras.

Tambem não é inteiramente justa a sua noção do capital, a que chama trabalho morto, nem a idéa que elle tem de valor, considerando-o sempre na razão do trabalho; mas não quer isto significar que no fundo de qualquer d'estas asserções não haja algum tanto de verdadeiro.

Da mesma fórma não resiste a uma critica profunda o facto de Marx parecer reservar para o operario todo o producto, não conferindo o minimo direito ao que para a obra commum trouxe o capital e a intelligencia; são esses, porém, os defeitos proprios dos que de deducção em deducção perdem por assim dizer a noção exacta da realidade, embrenhando-se na floresta espessa e emmaranhada da especulção ideal, e acabando, as mais das vezes, por envolverem n'um tecido phantasista e vago principios que muito ganhavam em não se destacarem das solidas amarras do simples bom senso.

A Karl Marx, apesar da sua intelligencia superior, ou quem sabe, talvez por causa d'ella, succedeu o mesmo, e o discipulo de Hegel, o idealista, transparece na analyse e na solução de problemas em que os vãos demasiados altaneiros não são de certo os que melhor atinam com o caminho a seguir. Intelligencias habituadas a jogar com abstracções, e a partirem d'estas para as mais elevadas hypotheses, não se nos afigura que sejam ellas quem consigam resolver com acerto uma questão onde se é bom, se é importantissimo ver largo e ver longe, não offerece, porém, grandes seguranças ver de mais — que é o mesmo que não ver.

AFONSO VARGAS.

Scenas da vida academica

PEPITA

(Esboço do natural)

Continuado

Em casa o Cruz, sentindo-se tambem culpado, era menos moralista.

Quando o Moniz soubera confusamente pelo Sousa que o Cruz tivera um filho, chamou-lhe simplesmente «asneira de rapaz»; mas chegára tambem a vez ao Silverio de dizer com ar patriarchal que era «uma asneira» de consequencias graves. E lembrando-lhe a figura repetida do abismo voraz, juntou: — resvalam inexperientes —; e mostrava á Guedes a mão fechada, depois de a ter espalhado na cara sorridente, a desenhar duas letras.

O Cruz agora perdia tempo tambem embalando pacatamente o *né-né* na cozinha, enquanto a Claudina os rodeava a ambos de olhares maternas e ternos.

O Sousa, contente no meio em que estava, espiava-os sempre, sorrindo superiormente, dando conselhos, mostrando-se aos collegas na sua posição adquirida naturalmente: Elle, só elle ali vivia independente sem qualquer cousa que se lhe podesse atrair em rosto. Emquanto o Medeiros occupava a noite com os seus amores deslocados, e o Cruz adormecia, cantando arrastado, o seu *né-né*, elle corria incansavel de um a outro, sondava os adiantamentos do Medeiros, lá embalar o berço devagar, prognosticando um homemzarrão na vermelhidão irregular de carne imperfeita aos borreletes que manchava o amarello dos cueiros de bautilha; fazia-se muito intimo do pae e arrancava-lhe futuros. Uma vez por outra velhacava tambem. Ao Medeiros queixava-se, convencendo, procurando adepto, que o *peitô* do Cruz fazia — uma chiada insupportavel — que o não deixava dormir. E ao Cruz ia murmurar n'um tom pezaroso: que o Medeiros gastava rios de dinheiro n'aquelle bordel do café, que a mezada não lhe chegava, e que já lhe devia aquelle mez meia libra.

E depois satisfeito d'este embaralhar, contente com a mutua intriga em que compromettia os collegas, convencido de que não devia nada a ninguem, nem tinha — *né-nés* —, adormecia com o seu sorriso de malandrim a sulcar-lhe a face e a arrebitar-lhe o bigode.

Um dia o Sousa entrára radiante, e convidára amavelmente os collegas para um baile.

O Cruz recusára justificadamente. Mas ao Medeiros o Sousa convencerá-o bem, dizendo-lhe que podia lá ir na volta do café. E insistia descendo a pedir por obsequio:

— Que não o compromettam —.

A D. Emilia Chagas, sim, elle conhecia a Emilinha Chagas, sua patricia de Faro, convidára-o muito intimamente e pedirá-lhe que lhe arranjasse rapazes.

— Traga rapazes, hein! Veja se os traz... sim? Veja agora o que faz — *seu Soisa* —.

E elle repetia estas phrases, e tomando um ar serio, enrugando a testa:

— Por obsequio, oh! Carlos, sim faz-me esse obsequio?! — Bem! irei!

O Medeiros cedeu, e vencedor o Sousa desenruga a testa morena. Era um sabado. O Sousa então, loquaz, explicou ao Medeiros o respeito e a amizade que a Emilinha Chagas tinha pelos estudantes.

A noite, depois das nove horas, o Sousa fôra pelo Café. Como prova de consideração pela sua patricia a D. Emilia, levava luvas. Pagou generosamente ao Medeiros um copo do Porto e partiram caminho da Patriarchal.

A entrada d'um palacete grande um porteiro cortejava amavelmente. A escada estendia-se, côr de sepia, brilhante, da cera, com um tapete, ao meio, d'um vermelho fraco, fixo em cada degrau por hastes de metal amarello. Em cima um outro creado, alcaçado, bem á vontade n'uma casaca preta, recebia os casacos e os bilhetes de convite. Mais adiante outro corria um reposteiro. Passaram duas salas; na salta jogava-se em bancas verdes — e depois d'uma salta pequena, cheia de gaz e só, estendia-se brilhante e branca a sala do baile.

A Emilinha Chagas, pequena e desembaraçada, veio ao encontro do Sousa.

O Sousa apresentou-lhe o collega.

— Minha senhora...

— Estimo muito conhecê-lo, sr. Medeiros — então o outro sê collega nam veem? entooou com um forte assento algarvio sorrindo para o Sousa.

Gente entrava. Conhecimentos que se encontravam ali riam ruidosamente, á vontade. Lateralmente as cadeiras estendiam-se alinhadas em tres filas parallellas. Ao fundo um piano de panno azul bordado a ouro subreasia no papel branco de flores douradas. Uma baquete amarella, polida, enquadra pedaços de parede e corria com cortes rectos pelas janelas e portas. Do tecto estucado a azul e dourado pendiam dois lustres enormes scintillantes, de vidros irisados.

O Medeiros admirava. Então o Sousa contente nas suas luvas pretas contava:

— A D. Emilinha era rica, muito rica — o pae o banqueiro Fortes da firma Bastos & Fortes, era riquissimo, e quando casára a filha com o seu guarda-livros fizera-o jurar sobre a solemnidade do pesado dote que não faltaria cousa alguma á sua filha. — O minimo desejo de minha filha e rua... a satisfazer-o. — Onde quer que minha filha queira ir... é acompanhá-la. A Emilinha contava isso muitas vezes.

Mas a sala enchia-se, pouco a pouco. N'um grupo, ao fundo, luzia em fardas justas o galão inclinado d'aspirante. Tinha uma amizade exquizzata a Emilinha pelos estudantes...

De grupo para grupo, pequenina, gorda, ligeira, sorria, batia as mãos fingindo-se zangada, e fazendo um beicinho galante ia lastimar que um convidado seu não trouxesse a senhora.

Depois, veoz sempre, ia comprimentar quem chegava, a passo curto, olhando algum conhecido em quem acabasse o comprometimento de se ver só. Offuscava o marido a D. Emilia. E o Medeiros e o Sousa conversavam, passeando, apertando mãos, espreitando senhoras.

Lá ao fundo, então, no piano correram-se com precisão umas escalas.

A Emilinha corria mais atarefada, mais falladora.

O Sousa continuava:

Vês aquella? lado direito ao pé d'aquelle tenente?

— Vejo.

É uma brasileira; avêza e é feia.

— Vês aquelle, do mesmo lado, no terceiro grupo, barbas pretas — puxou agora uma cadeira.

Ah! lá vejo.

— É o dr. Cunha, é medico e a endinheirada da brasileira convenceu-se que o doutor estava apaixonado por ella. — E aqui ha tempos, quando o doutor foi a Paris, imaginou a mulher que elle mandava de lá ao *Diario de Noticias* uns annuncios ternos encimados do *Estrangeiro*; e respondia-lhe. Mas que respostas! Uma ternuras sentimentaes em que mettia amiudadamente a exclamação patricia — *meu Juca*. E assignava-se sempre — Toda oh! toda tua — P. P. — Palmira Pereira é o nome d'ella.

ARNALDO FONSECA.

(Continúa)

A CAIXA LOGO-TYPO

(Continuado)

Declaro desde já que a presente invenção procura — na reforma do actual material dos tipos e na alteração das actuaes caixas de composição — o meio de acceleração ou rapidez.

Ella tem por base tres idéas:

1.^a A idéa de que a lingua humana se funda sobre um systema de sons rigorosamente marcado, bem que todas as linguas (ou vozes) se componham de sons iguaes, e sómente na variedade do valor e emprego dos mesmos consista a differença. Para exploração d'esta idéa desejo eu, para ser breve, indicar tão sómente as observações que nós fazemos pelo estudo de uma lingua estrangeira. Nós encontrámos aqui como principaes os sons nossos conhecidos da propria lingua; sómente esses sons e palavras, cuja significação nós julgámos conhecer pela da propria lingua mãe, tem inteiramente uma outra significação, estão sujeitos ás regras de uma outra grammatica, e, portanto, a uma composição completamente diversa. Os sons adoptados ficaram os mesmos, sómente o seu sentido mudou. O mesmo encontrámos nas linguas da antiguidade, cuja existencia muitas vezes conhecemos apenas pelos restos historicos de uma civilisação ha muito extincta, assim como nas linguas do presente. Os povos e as suas linguas têm desapparecido, o sentido dos sons mudou-se e passou para outras linguas pela força do vencedor; nenhum acontecimento pôde remover os sons firmes actualmente ainda em uso, ou substituil-os por outros. Um systema de typo, fundado sobre tal base, deve ter um emprego geral para todas as linguas, e d'isto se segue a grande vantagem da applicação do presente typo-systema.

2.^a A idéa que a palavra é um corpo, não só divisivel em letras como em partes.

Esta segunda idéa deriva-se da primeira, e procurarei mostrar a propensão d'aquelles velhos povos para exprimir os sons nas suas escriptas, não só por simples signaes de escripta, mas tambem por signaes de som.

Só depois da invenção da escripta por letras se emprehendeu a formação dos sons por meio de simples letras, pois que na leitura nós não temos a palavra pelas suas simples letras, mas unicamente um som figurado com ellas para a vista. As simples letras não podemos nem queremos nós lê-las.

A differença entre a actual formação dos sons, e a das linguas da antiguidade consiste em que nós representámos os sons por meio de simples letras, enquanto que ali era um simples signal que figurava um som. Assim nos escapariam os signaes interpretados, cujo sentido de escripta em muitos casos da primitiva formação dos sons difficilmente se podia conhecer, se o não mostrasse uma interpretação de signaes sobre o sentido e derivação para o emprego dos mesmos. A passagem da escripta dos sons para a escripta de letras effectuou-se com extrema lentidão. Milhares de annos decorreram sem que a escripta por letras, não obstante a sua excellencia, encontrasse o acolhimento de todos os povos da terra. Tambem a escripta por letras não encontrou divulgação na sua original simplicidade. Cada povo, que adoptava a escripta por letras, augmentava segundo as necessidades da sua lingua o alphabeto de 22 letras, e por isso se foi perdendo o coevo emprego das letras como numeros. Moysés, como historiador e legislador, é considerado incontestavelmente como o inventor da escripta por letras. Elle precisava, para a redacção ou composição da sua historia da humanidade e das suas leis, de uma escripta clara, simples, livre de equívocos. O homem que odiava tudo que estava em ligação com os costumes e religião dos egypcios, difficilmente poderia escolher a bem conhecida maneira de escripta d'este povo para as suas doutrinas religiosas e para as suas leis.

Mas Moysés não queria mesmo fazer uso dos signaes de numeros egypcios, assim collocou os seus signaes de escripta n'uma determinada serie, segundo o successivo desenvolvimento dos órgãos da falla, e elevou-os igualmente á escripta de numeros.

Os phenicios, aos quaes se attribue, juntamente com outras invenções, a da escripta por letras, foram, sim, os divulgadores d'ella, mas não podiam ser os descobridores, pois já veiu antes das muito variantes nos seus signaes de escripta, nas quaes apparecia manifestamente o desejo de estabelecer a harmonia entre a escripta por signaes, representando sons, de que se serviam os egypcios, e a escripta por letras tornada conhecida, e tida por pratica. O emprego, porém, da escripta de letra, como escripta de conta (ou numeracão), tornou-se completamente impossivel depois d'estas variantes. Tambem não podiam elles abandonar tão depressa os seus signaes de numero de origem egypcia, por causa do seu desenvolvido commercio. Dos algarismos phenicios nasceram mais tarde os gregos e romanos. Os numeros romanos mostraram-se, porém, no futuro pouco praticos, e voltando-se de novo para os alphabetos originaes que conservassem uma imutavel serie, renderam-se aos signaes de conta dos

arabes, e empregaram as letras arabes como algarismos, os quaes acham geral acceitação por causa da sua simplicidade e correcta fórma.

Esta intima connexão das letras e numeros trouxe-me a idéa do systematico desmembramento dos sons.

3.^a Se o progresso da humanidade nasce da invenção da escripta por letras, deve tambem reconhecer-se que ella tornou possivel a descoberta da arte da imprensa, trazendo com isso ligada a desvantagem de que o escrever com simples letras reclama mais tempo, do que o escrever com signaes representando sons e palavras.

A necessidade de encurtar a escripta por letras levou os israelitas a fazerem um sem numero de abreviaturas, os gregos á tachygraphia, e os romanos ás notas *Tironicas* e aos romanos *Siglen*.

(Continúa)

Vi-te entre os cortinados da janella
Branca visão d'um sonho, como a estrella
Que desviando as nuvens brilha e ri,
Deslumbrado cerrei subitamente
Os olhos; mas oh raiva, oh dor pungente!
Quando os tornei a abrir já te não vi.

E eu que esperava a rapida ventura
De ouvir da tua boca fresca e pura
« Como passou? vae bem? » uma expressão
Banal emfim que toda a gente espera,
E nem isso!... nem mesmo essa chimera
De ti me veio!... atroz desillusão!

E, amo-te!... e é só por ti que est'alma geme
E ao sentir os teus leves passos treme
Como treme d'aragem uma flor!...
Ah! mais val ser o verme d'um entulho
Do que ver impotente o nosso orgulho
Para abater a força d'um amor!

A minha magua, a dor que me assassina
É ter-te dito alguém que me domina,
Como as vagas a lua, o teu olhar,
É saberes, espirito vaidoso,
Que te amava na sombra, silencioso,
Que tinhas dentro em mim um grande altar.

Hoje, como se torna em borboleta
A larva escura, esta paixão secreta
Se transmutou em fumo; os olhos teus
Hei de fital-os calmo, indifferente;
Não ha sonho que dure eternamente.
Adeus! Eu amo como esqueço, adeus!

GOSTA ALLEGRE.

AS JOIAS ELECTRICAS

Uma das mais interessantes applicações da electricidade é sem duvida a que se realisou no theatro de opera em Paris, no ballado *Fantóale*.

Este ballado, que na parte propriamente choreographica era de um merecimento mui secundario, alcançou, comtudo, um exito espantoso, dando ao theatro enchentes successivas, devido ao effeito deslumbrante das joias luminosas que, jorrandos jactos de luz, envolviam as bailarinas como que n'uma aureola de relampagos.

O mechanismo, invenção de Mr. Trouvé, é simples e muitissimo engenhoso. Consiste de pequenas lampadas de incandescencia formadas por um pequeno fio delgado, contido n'um tenue envolvero de crystal, que passa pela parte posterior das joias, illuminando-se pela influencia das correntes electricas.

A pilha, formada pela combinação do zinco e do carvão, está fechada n'um estojo de caoutchouc, e só funciona na posição horizontal. As suas dimensões são tão pequenas, que se pode occultar com facilidade n'uma algibeira.

EM SEVILHA

Continuado

Sevilha tem bem marcados os contrastes das epochas. Do empilhamento animado e risonho das construcções d'uma branca lactea, cheia de alegria e de vida moderna, sobresáe a crista d'uma impo- nencia magestosa e soberba da Giralda, encimada pela estatua de bronze dourado, dardejando em reflexos faiscentes, os raios do sol.

cies verdejantes bordam o terreno manchado espes- samente em tufos folhudos de arvores d'um verde aquoso, d'onde sobresáe a fabrica de tabacos com o reflexo envidraçado de edificio gigantesco rasgado em perfurações symetricas de dois andares de construcção abobadada, contendo 500 a 600 mulheres n'um desalinho adoravel de belleza plastica, olhando o visitante com uma curiosidade animal. Mais alem, postada em attitude de sentinella vigilante, divisa-se uma torre octogona, que conserva a tradição de ter guardado o oiro importado pelos galeões da



AS JOIAS ELECTRICAS

É d'esse gigante antigo de guarda ao templo que a religiosidade d'outr'ora quiz levantar n'um sentimento de dedicação surprehendente, que se avista um panorama vastissimo, cuja perspectiva é limitada pelas sinuosidades d'um horizonte cortado pelas linhas dos montes e planicies banhados por um vapor luminoso, que faz transparecer os ultimos recortes minuciosos. Vemos a nossos pés a cidade borbulhando n'um formigueiro de actividade que atravessa as praças e ruas, cortada pelo Guadalquivir, serpeando irregularmente em cotovellos de verdura marginal e atravessado pela ponte de Triana. Ao longe, plani-

America, e onde se prendia a extremidade da cadeia que partia da outra margem para impedir a circulação do rio. E a *Torre del Oro*, perto da qual ha uma construcção de diametro extensissimo, com paredes circulares, cuja alvura se destaca das habitações circumvizinhas, formando a praça de touros, d'onde parte uma fita saibrada serpejando em irregularidades de contornos e que vae dar á planicie onde se faz a feira. A Giralda, d'onde se avista esta variedade de panorama em que uma atmospha luminosa nos aviventa, matizando a esphera d'um horizonte extenso com os cambiantes graduados desde o ver-

de escuro d'um arvoredado condensado no passeio da Christina até ao descampado pallido como uma suspensão inculca no hyppodromo, é o monumento legado pelos arabes, contendo um thesouro de tradições guardado na memoria d'um povo, cujos antepassados, na febre deploradora d'uma destruição radical pelos testemunhos d'outras crenças, apagavam os vestigios do islamismo, arrazando as mesquitas como symbolos d'um culto recamado de heterodoxia, em que cada pedra era uma descrença e em que a luz palpitante que bruxuleava nos lampadarios artisticos, alimentava sentimentos estranhos.

O christianismo, essencialmente egoista, derrocava as apothoses d'um genio, esculpidas nos marmores sacrilegos d'aquelles tempos. Comtudo salvaram-se d'esse vandalismo destructivo das pegadas d'uma ascendencia brilhante, monumentos como as cathedraes de Burgos, Toledo e Sevilha, que vacillaram ante as hordas visigoticas que um congestionamento impulsivo cegou no fragor das batalhas, inebriando-se nos arrebatamentos assoladores d'uma vertigem de conquista. Duas vezes foi a Giralda abalada, e a ultima ainda ha bem pouco tempo e de que conserva vestigios n'umas fendas que abriu por occasião dos ultimos tremores de terra da Andaluzia.

Descamos a espiral serena que conduz ao cimo da torre secular, para entrarmos no magestoso templo edificadido no meio d'uma abnegação collectiva, sacrificando as commodidades vaidosas que decorrem dos caudales argentarios, mas que perpetuam uma epocha e uma civilisação. A cathedral de Sevilha, com a sua epiderme ennegrecida e tostada pelos ardores d'um sol de caniculares, e que os filetes das gotteiras sulcam em linhas tortuosas, é um mixto de todos os generos de architectura, cujos arabescos entrelaçam os estylos grego, romano, gothico e da renascença, casando-se n'uma continuidade de estrophes d'um poema de granito que o sentimento religioso elevou n'uma aspiração sublime da alma para o infinito. Descrever os mosaicos pomposos, as obras primas geniaes, a efflorescencia sublime d'uma esthetica arrebatadora, fazer menção especial das esculpturas em madeira, pedra, ouro e prata, assignadas pelos nomes de Arté, Roldan, Montañes; exteriorisar as impressões recolhidas d'umas pinturas de Murillo, Campana, Goya, Herrera e Valder; relatar minuciosamente n'uma analyse critica as magnificencias que perturbam os sentidos confundindo a razão em vertigens febris, seria tentativa frustrada para quem faz um *recueil* de dez dias, nos limites acanhados de columnas de jornal. Seria preciso um exame demorado, em que a accumulção de tantas riquezas não passasse despercebida aos olhos saltitantes n'uma profusão tão variada e que a memoria mais feliz não apprehenderia. Ficaremos, portanto, nas generalidades.

O templo tem uma serie de pilares d'uma altura gigantesca, com um diametro bastante largo, sustentando a nave central e parecendo estalactites d'uma gruta titanica que os polypos de outras eras elevaram n'esse enervamento mystico d'uma nevrose sentimental. Parecem frageis para segurar em peso essa curva abobadada onde se reúnem em *pelemèle* consoante os murmurijs cadenciados, que sobem dos tubos imponentes dos orgãos, de envolta

com o incenso dos thuribulos e o perfume dos labios carminados, murmurando as preces redemptoras de um peccadilho cor de rosa. O *retablo* ou altar mór n'uma sobreposição de estatuas enfileiradas em degraus ascendentes, chega quasi a attingir a altura desmedida das columnadas centraes. É o *monumento*, illuminado pela scintillação de milhares de candelabros n'uma constellação devota de semana santa, tem cem pés de altura, encimado pelo Christo, que recebe as orações fervorosas dos crentes, como requerimentos á absolvição das suas faltas.

As capellas principaes, desde a sala capitular onde se celebravam os concilios até á depositaria dos ossos de S. Fernando, cujo sarcophago de ouro contém uma esmeralda de reflexos azul marinho, de dimensões d'uma noz grande, acrescentando á riqueza intrinseca d'este objecto o valor estimativo da Virgem feita d'uma só peça de marfim, que o mesmo rei apresentava em dias de batalha contra os mouros, são accumulções artisticas em que não sei a que devemos prestar mais attenção, se á quantidade se á qualidade de tantas opulencias deslumbradoras. Notemos especialmente na capella baptismal, um quadro de Murillo, que dizem ser a obra prima do distincto pintor hespanhol das Virgens tão celebradas, e cujas reproduções encontrámos a cada passo. É o «Santo Antonio de Padua». O santo está na sua cellula, entregue aos extasis d'uma oração concentradora. No alto do quadro, em outro plano, envolvidos n'uma luz vaporosa, apparecem agrupados os anjos d'uma belleza ideal. O menino Jesus, attraído pelo fervor extatico do santo, vem collocar-se-lhe nos braços, banhado em effluvios radiantes d'um espasmo mystico de voluptuosidade celestial. Este quadro está trabalhado com os detalhes minuciosos, que caracterisam a escola hespanhola. As gradações subteis da luz, a expressão physiologica dos caracteres divinos, o vigor realista d'uma analyse superior, fazem classificar o quadro no numero das concepções artisticas d'uma belleza incontestavel. E como esta, quantas e quantas preciosidades não se encerram sob aquellas ogivas colossaes que repercutem o echo plangente das gerações que passaram, e cuja obra vóa nas azas do tempo para o incommensuravel da eternidade.

Mas a semana santa findou. Saiámos do templo, vergados pelas impressões de *touriste*, em cujo cerebro perpassa, com todos os esplendores d'uma civilisação extincta, o diorama historico d'uma epocha tão brilhante, vibrando uma nota de tristeza calma, repassada d'uma humilidade contemplativa, em que o frio humido d'essas correntes que gelam ao passar por corredores em que cada pedra é uma recordação memoravel, penetra em punhaladas de mysticismo vago na alma d'um crente e d'um admirador. O sol radiante de primavera, incendiando a cupula azul que beija, nas orlas do horizonte, os accidentados floridos d'um paraizo terreo como a Andaluzia, mergulha n'um banho de luz a cidade de uma effervescencia cheia de vida, cruzada em todos os sentidos por uma fermentação de actividade convergente n'um ponto, animada d'um impulso instinctivo, borbulhando n'um prazer repleto de gargalhadas que se crystallisam nas bôcas pequeninas d'uma galanteria *coquette*.

Domingo de Ressurreição! — As palmas religiosas que ornavam os balcões onde se estendiam as colchas ricas para ver passar as *cofradias* das procissões, servirão d'ora avante para esconder as faces ruborizadas de pudor excitado por um dito galante; a manilha escura, que emoldurava n'um oval de tristeza a physionomia transparecendo uma gentileza recatada, é substituída pelo rendilhado branco cuja animação parte de um corpete assetinado, das cores mais salientes. Chegam-me aos ouvidos vibrações metálicas, estridentes, festivas. Uma nuvem de poeira envolve o enfileiramento ruidoso, alegre de grupos de carruagens, cavallos e peões. A medida que avançamos os sons tornam-se mais distintos, a multidão mais compacta, a confusão mais crescente. Encontramos, de um lado, o cavallo esquelético, a *charogne* ainda viva, condemnada ás angustias supremas d'um assassino torturante, arreado com a sella do picador, do outro as rodas polidas d'um coche aristocratico conduzindo as petalas viçosas que se hão de abrir em sorrisos de entusiasmo doudo. E impellidos pela pressão de uma onda de cabeças, avidas de sensações fortes, com os peitos offegantes de prazer, entrámos na praça de touros.

ALEXANDRE DE CASTILHO.

LIVROS NOVOS

Sonetos de Anthero de Quental

(Continuando)

Quando se tem o talento de Anthero de Quental é quasi um crime de lesa-litteratura e de lesa arte não extrahir d'elle tudo quanto elle deve dar, e no caso sujeito póde dar muito. Até porque o proprio livro de que tenho vindo fallando promette por si mesmo outros livros, em prosa especialmente, onde o auctor possa desdobrar á vontade a sua philosophia, a sua arte e a sua critica, e onde solto das imposições do metro e dos despotismos da rima nos diga no seu masculino e resistente estylo tudo o que pensa e que sente.

Os *Sonetos* são, pois, alem de tudo que os faz um volume superior e unico, um brilhante clarim guerreiro annunciando ás gentes o grosso do exercito — que vem a caminho.

Isto não apouca em cousa alguma o alto merecimento d'elles, e apenas prova ser o talento de Anthero tão creador e tão vasto, que de dentro de um livro que publica pôde tirar dois ou tres, ficando todos igualmente completos e igualmente notaveis...

E agora, vejamos os *Sonetos*.

Na primeira parte, por exemplo, que va de 1860 a 1862, ha logo o *Ignoto Deo*, repassado d'essa fina ironia melancolica, que é a suprema crystallisação da arte e em que o poeta, por uma intuição genial, presentiu a phase actual do espirito humano; seguindo-se-lhe o *Lamento*, que revela uma outra phase d'este mesmo estado de consciencia.

No primeiro o poeta, desiludido de achar na terra o Deus que procura, insculpe estes bellos e transcendentes tercetos:

Não é mortal o que eu em ti adoro,
Que és tu aqui? olhar de piedade,
Gota de mel em taça de venenos...

Pura essencia das lagrimas que choro
E sonho dos meus sonhos! se és verdade,
Descobre-te visão, no céu ao menos!

No segundo elle exclama desalentado:

Deus é Pae! Pae de toda a creatura:
E a todo o ser o seu amor assiste:
De seus filhos o mal sempre é lembrado...

Ah! se Deus a seus filhos dá ventura
N'esta hora santa... e eu só posso ser triste...
Serei filho, mas filho abandonado!

Leia-se ainda este soneto:

A SANTOS VALENTE

Estreita é do prazer na vida a taça:
Largo, como o oceano é largo e fundo,
E como elle em venturas infucando,
O cállis amargoso da desgraça.

E contudo nossa alma, quando passa
Incerta peregrina, pelo mundo,
Prazer só pede á vida, amor fecundo,
E com essa esperança que se abraça.

É lei de Deus este aspirar immenso...
E contudo a illusão impoz á vida
E manda buscar luz e dá-nos treva!

Ah! se Deus accendeu um foco intenso
De amor e dor em nós, na ardente lida,
Porque a miragem cria... ou porque a leva?

O *Tormento do Ideal* é escripto ainda n'um tom de desanimo mais do que de desespero, comquanto seja esta a nota que repetidas vezes predomina n'este primeiro cyclo da vida do poeta.

É todavia, por essas mysteriosas e estranhas contradicções que se dão em todos os enamorados da Idéa, ao mesmo tempo que elle solta imprecações de desalento e de descrença, na *Aspiração* diz que a sua alma

... a outros céus aspira,
Se um momento a prendeu mortal belleza
E pela eterna patria que suspira...

e implorando que ao menos se lhe conceda a certeza de sentir, embora a dor o fira, termina com este fecho resignado:

Eu sempre bendirei essa tristeza!

É esse estado momentaneo de espirito que Anthero conseguiu fixar n'alguns sonetos, como o *Psalmo*, e como o dedicado a João de Deus, que fecha com estas linhas penetradas de mysticismo:

Esperemos a luz d'uma outra vida,
Seja a terra degraço, o céu desestino.

Mais tarde, foi talvez n'uma identica disposição de consciencia, mas se é possível, mais transcendente e mais *vivida*, que elle encastou nos finissimos labores da mais bella forma essa gemma inestimavel que não resistio ao prazer de transcrever, apesar de tão geralmente conhecida

Á VIRGEM SANTÍSSIMA

Cheia de graça, Mãe de Misericordia

N'um sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizível anciedade,
E que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

Oh visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim callada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Finalmente, é ainda esta phase da sua alma que lhe inspira esse outro inimitavel soneto *Na mão de Deus*, em que o poeta, depois de ter percorrido os asperos e invios caminhos da Paixão e da Idéa, diz ao seu coração liberto que durma o sonho eterno...

Muitas outras notas soltas attestam o fundo idealmente mystico d'este demolidor de outras eras, e vem ás vezes á superficie das suas syntheses mais echnonradas, como entre as massas confusas de uma orchestra vem o motivo dominante de uma opera; porque de certo que não lhes dou novidade alguma, dizendo-lhes que este heretico, este dissidente, é sobretudo, e alem de tudo, essencialmente religioso, na accepção elevada e superior d'esta palavra.

Estou mesmo convencido que, se como todos o esperam, Anthero de Quental não morrer sem deixar perpetuado o seu

nome a algum notavel systema philosophico, para que tão claramente o estão tallando as suas tendencias, a sua erudição e o feito tão particular e tão complexo do seu espirito, esse systema será idealista e materialista ao mesmo tempo, embora aparentemente pareçam antagonisticos estes dois termos, ou, como elle proprio o disse a proposito de um livro, um *materialismo espiritualista*...

Sem certamente se internar nos intrincados meandros metaphysicos d'esses estranhos equilibradas de idéas, d'esses arrojados funambulos de abstracções, conhecidos no mundo pelos nomes de Hegel, Fichte, Kant, Hamilton, que em meio da sua grandeza genial parece perderem-se por vezes nos intermundios escuros de algum planeta ignorado, Anthero virá talvez a penetrar do genio lucido e transparente da sua raça um novo edificio philosophico, tão grande pelo menos como as modernas systematisações de Spencer, Comte, Hartmann ou Ardigó.

E certo affirmarem muitos que o positivismo de Comte disse já a ultima palavra em questões de philosophia, devendo considerar-se definitiva a synthese scientifica d'esse notavel sabio; mas já depois d'isso outros vieram não menos genias, nem menos eruditos, provando que as theorias são infinitas e desdobráveis como o proprio homem, pelo que ainda haverá lugar para Anthero, mesmo sem o consentimento d'aquelles...

Voltando, porém, aos *Sonetos*, dizia-lhes eu que no fundo de muitos dos temas, se não de todos os tratados pelo poeta transparece sempre ou quasi sempre a nota mystica; mas isto não quer dizer que seja a unica; sobretudo ultimamente, por que, quanto a mim, em Anthero de Quental ha tres individualidades ou *maneiras* distinctas, ligando-se, bem entendido, entre si pelo genio pessoal do artista, mas accentuando e definindo destacadamente tres momentos diversos da sua curiosa existencia.

A primeira é a da negação e do desespero, caracterizada na sua lucta encarniçada contra a immobildade das cousas e das idéas que aqui encontrou, exercendo mando e dirigindo o gosto; a segunda é a da indolencia e do desalento intellectual, em presença da convicção que entrou no seu espirito de que tudo no mundo é desconsolidador e triste, e de que não valia a pena ter nascido; a terceira, que vem até á actualidade, é aquella em que o pensador venceu o desanimado e o descrente, e chegou a uma doce pacificação espiritual que não exclue, já se sabe, nem a energia nem a lucta, mas em que o poeta vê as cousas, os homens e as idéas n'um ponto de vista muito alto e inacessível para que lá lhe chegue o fragor das nossas mesquinhas paixões, ou para que pelo menos elle se interesse por ellas, por outro principio que não seja o de uma questão de estado...

Intercadentemente, porém, estas tres phases penetraram-se umas ás outras, dando origem a phases novas, e d'ahi vem o não poderem ser facilmente definidos alguns sonetos do seu livro, que ou são inclassificáveis, ou participam ao mesmo tempo d'esses tres estados de consciencia, d'essas tres modalidades distinctas que se excluem combatendo-se, mas que Anthero, por um milagre de genio, unida a uma forte intelligencia, conseguiu combinar por instantes.

Vem d'ahi o ar estranho que a momentos os *Sonetos* apresentam, e o choque inevitavel que ás vezes se dá em duas paginas fronteiras entre duas idéas que accusam um dado estado intellectual e outras que denunciam um estado inteiramente opposto, ou estados intermediarios...

Alguns farão d'isso um capitulo de accusação contra o livro, e não procuró averiguar se com ou sem razão; mas para mim esse aspecto original constitue mais um encanto, e torna-m'o, se é possível, duplamente interessante, porque ainda m'o faz mais humano, e, portanto, mais sentido e mais verdadeiro.

Certamente que não será esta a opinião geral, mas uma das excellencias da nossa epocha é precisamente este grande desafogo que todos temos, ainda os mais insignificantes—como no caso presente,— de expender livremente a nossa opinião, sem curarmos de saber se ella vae de encontro ao dizer geral...

E, pois, este numero inculcavel de modulações diversas, de cambiantes infinitas dentro da mesma *maneira*, que eu ha pouco citava quando me referia á elaboração dos *Sonetos*, o que torna difficil o seu estudo.

Que a final as obras de arte não se discutem, sentem-se; como, porém, o trabalho de Anthero é ao mesmo tempo uma obra philosophica, forçoso é que nos demoremos na analyse interior dos seus temas, os quaes, portanto, não são apenas para se sentirem, mas tambem para se penetrarem...

Reatando, continuemos percorrendo o primeiro cyclo.

O soneto A *Alberto Telles* marca um tão doloroso momento na vida intellectual do poeta, que parece ter sido escripto com sangue e com lagrimas... e ainda alguns mais que se lhe seguem foram certamente concebidos n'esse periodo de febre, chegando-se por fim áquelle em que o poeta, repassado até a medida de um desalento algido, exclama:

Quem fôra tão ditoso que olvidasse...
Mas nem seu mal com elle então dormira,
Que sempre o mal peor é ter nascido!

No soneto anterior de que este é, por assim dizer, a conclusão, já Anthero, chamando fumo á gloria, diz que é outro o «amor puro sempiterno em cuja essencia deseja confundir-se»; depois tem um momento de esperanza, como se observa no que dedica ás duas mysteriosas inicias que de quando em quando apparecem, como um astro radiante, a illuminar-lhe as sombras do caminho, até que de novo recae no seu scepticismo doentio no soneto *Ad Amicos*, e na bella apostrophe ao Christo, onde continúa a descrever, dizendo-lhe que:

Agora como então, na mesma terra erma,
A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,
Sob o mesmo ermo céu, frio como um sudario...

E agora, como então, viras o mundo exangue
E ouviras perguntar—de que serviu o sangue
Com que regaste, ó Christo, as urzes do Galvario?—

Na *Desesperança* Anthero apparece-nos budhista puro, e finalmente, esta parte fecha com o soberbo soneto *Beatrice*, que pôde ser a encarnação feminina do seu ideal ou ser realmente uma creatura viva, o que não impede que, realidade ou abstracção, ella não inspirasse ao poeta um formosissimo trecho.

Mais tarde, quem sabe se os commentadores não se agruparão em volta d'este soneto, procurando estudar a divina figura que o illumina, para o fim de verificarem se ella era realmente uma authentica Beatriz, formada d'esta mesma carne que nos reveste, embora mais perfeita, ou se representava apenas uma synthese da *perfeição* que o poeta tentava attingar e para que eternamente aspirava!

Tanto mais que o soneto *Ideal* pôde corroborar-lhes essa supposição.

São temiveis os commentadores, e haja vista a immortal homonyma que Dante eternizou nos seus diamantinos tercetos, e que uns dizem ser a Theologia, outros simplesmente a sua amante e ainda outras uma pura creação subjectiva do genial italiano.

(Continúa)

AFONSO VARGAS.

NOTAS SOLTAS

Entre a lingua e o caracter de um povo ha a mesma relação mysteriosa que entre a lua e o mar.

LEIBNITZ.

Todo o espirito de um auctor consiste em bem definir e em bem pintar.

LA BRUYÈRE.

Qualquer de nós pôde ser mais fino que outro, mas não mais fino que todos os outros.

LAROCHEFOUCAULD.

Desde que Christo appareceu, o Olympo tornou-se um lazareto.

HEINE.

As cousas são tragicas ou risonhas, segundo o lado por que as encarámos.

BALZAC.

O passado é como esses echos que apenas a distancia é que são sonoros, e de que nós precisamos afastar-nos para percebêl-os nitidamente.

GUSTAVE DROZ.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos ex.^{mos} assignantes que porventura queiram encadernar o primeiro anno d'esta revista, a fineza de nos avisarem da falta de algum numero, para sem demora lh'o enviarmos.